

**EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA: EXPERIÊNCIAS
CONSTRUIDAS NA ÁREA
ADAPTED PHYSICAL EDUCATION: EXPERIENCE IN THE
AREA**

Entrevista com Prof. Dr. José Luiz Rodrigues – Aril/Limeira-SP

Dr. José Irineu Gorla
Faculdade de Educação Física/UNICAMP

Resumo

Este ensaio apresenta experiências práticas sobre a Educação Física para Pessoas Diversamente Hábeis. Desde seu surgimento, vários autores apresentam diferentes definições, utilizando o termo “Educação Física Adaptada” ou “Educação Física Especial”. Mostra também a evolução dos conceitos e como isto tem influenciado na vida dessas pessoas. As experiências apontadas pelo professor José Luiz, certamente contribuíram para os avanços da área continuaram sendo referência para alavancar novos rumos e tendências na área de pesquisa.

Palavras-chave: Educação Física adaptada; Educação Física especial; Deficiência mental.

Abstract

Adapted physical education: constructed experiences in this area

This essay presents practical experiences on physical education for diversely skillful people. Since its sprouting some authors have been presenting different definitions of it using the term "adapted physical education" or "special physical education". the evolution of the concepts have also been shown, and this has influenced these people lives. The experiences pointed out by professor Jose Luiz had certainly contributed for the advances of this area and it has been a ongoing reference to create new routes and trends in this research area.

Key-words: Adapted physical education; Special physical education; Mental deficiency.

Introdução

O Prof. Dr. José Luiz Rodrigues, nasceu e reside em Limeira/SP. Atualmente trabalha na Associação de Reabilitação Infantil de Limeira (ARIL). É professor aposentado e convidado da Faculdade de Educação Física da UNICAMP. Ministra aulas em cursos de especialização tanto na UNICAMP e no Instituto Superior de Ciências Aplicadas -ISCA. É coordenador do Centro de Habilitação e Treinamento Profissional, e vice-presidente do Círculo de Amigos do Menino Patrulheiro e do Conselho de Direitos da Pessoa com Deficiência.

O Prof. José Luiz é uma autoridade em “Deficiência Mental”, tendo trabalhos referendados pela sociedade científica da área. A sua grande preocupação é com a inclusão conforme verificamos a seguir: *“nos vários segmentos e permeando os diversos setores de atividades, é necessário hoje, mais do que nunca, objetividade, clareza dos fatos e busca de motivos ou causas reais que originaram certos acontecimentos, que os impediram ou que “simplesmente” minimizaram seus efeitos. Ter claro tais elementos, nos garante errar menos, aumentando dessa forma nossa possibilidade de acerto”*.

A sua trajetória, o credencia a abordar o assunto em questão com rigor e técnica, sem contudo desconsiderar o “ser humano” que é o principal em seu objeto de estudo.

1. Fale sobre sua formação acadêmica?

Me formei em 1971 em Educação Física e 1975 em Fisioterapia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCCAMP). Em 1987 - conclui a Especialização em Metodologia da Pesquisa Científica na FEF/UNICAMP; 1991 - defende o Mestrado em Educação na UNIMEP, 1998 - Doutorado em Educação Física Adaptada na FEF/UNICAMP.

Ainda como aluno do ginásio, via na Educação Física um grande potencial para a educação. Naquela época a exclusão de alguns alunos já me incomodava, pois sempre gostei de ensinar e me relacionar com as pessoas.

Foi me espelhando no grande mestre e amigo Prof. Julio Abade, que fiquei fascinado pela reabilitação e iniciei o curso de Fisioterapia. Esses dois cursos me proporcionaram uma visão ampliada da Educação Física e da Reabilitação; fazendo das duas áreas um só conhecimento, e uma prática mais respeitosa que pudesse abordar as pessoas realmente como elas são.

2. Como e onde iniciou suas atividades profissionais?

Iniciei minhas atividades com a Educação Física em 1969 como estagiário no Círculo do Menino Patrulheiro de Limeira preparando na ocasião os patrulheiros para participarem do desfile de 7 de setembro daquele ano. Este projeto me possibilitou uma experiência bastante positiva, pois o objetivo era e é ainda alavancar a promoção de jovens adolescentes em risco de vulnerabilidade social. Trabalhei como professor de Educação Física e Esporte junto ao Círculo de Menino Patrulheiro até 1985. Em 1986 passei a fazer parte da Diretoria assumindo a presidência por 4 anos, sendo atualmente vice-presidente da referida entidade. Ainda quando estudante do Curso de Educação Física lectionei no Ginásio Industrial de Limeira em 1971, e já formado em 1972 ingressei no Colégio Técnico de Limeira (COTIL) da UNICAMP.

3. Quando e onde começou a trabalhar com Educação Física Adaptada, ...e por quê?

No último ano do curso de Educação Física participei de um trabalho em grupo cujo conteúdo envolvia questões sobre recreação hospitalar e atividades para deficientes (termo usado na época). Parte desse trabalho, quer no aspecto das observações realizadas, e de algumas propostas práticas foi desenvolvida na Associação de

Reabilitação Infantil Limeirense (ARIL). Em 1972 fui convidado a apresentar o referido trabalho na Semana de Estudos realizada na Instituição.

A repercussão foi tão boa que fui contratado em maio do mesmo ano como professor de Educação Física, quando pouco ou quase nada se falava em Educação Física Adaptada ou Especial no Brasil. Confesso que não sabia bem o que eu ia fazer, contudo, sabia muito bem o que não devia fazer, ou seja, excluir quem quer que fosse das atividades. Comportamento esse que aprendi e desenvolvi nas experiências anteriores. Talvez, sem que eu percebesse, já trabalhava com o conceito “Adaptada”. Entre as várias atividades desenvolvidas com pessoas com Deficiência Mental e Física, vale ressaltar quem em 1973 montamos duas equipes de futebol de salão de crianças com seqüela de poliomielite (paralisia infantil) que jogavam entre si, locomovendo-se sentados, de joelhos, usando como proteção joelheira e cotoveleiras. Campo de jogo adaptado com dimensões diminuídas, piso liso e trave de mais ou menos 1,80 X 1,20 de altura. Felizmente, há muito tempo não temos crianças com a seqüela referida.

4. Como as experiências práticas contribuíram para as aulas ministradas na faculdade?

A minha vida toda como profissional de Educação Física, e a partir de 1975, também como profissional de Fisioterapia, pude vivenciar situações bastante importantes e diversificadas. Não tenho dúvidas que essa prática possibilitou melhor entendimento da literatura específica da área, como também em alguns momentos questioná-la. Eu poderia dizer que nesses trinta e três anos muitas coisas eu vi acontecer. Vi por exemplo alguém chegar bebê, passar por todos os programas oferecidos pela Aril e sair encaminhado para o mercado de trabalho, ainda que na maioria das vezes não alfabetizado. Outros, que por seu grau de comprometimento continuam nos programas da vida adulta na Instituição. Acompanhamos por exemplo pessoas com Paralisia Cerebral desde criança até a transição para a vida adulta, no processo de Habilitação/Reabilitação. Outros, com distrofia muscular progressiva á partir dos primeiros sintomas, passagem pela fase da cadeira de rodas e alguns até o óbito. A

possibilidade dessa observação longitudinal entre outros fatores, se bem equacionados seguramente nos credenciam a dizer: isso eu vi acontecer. Entendo portanto que toda essa experiência vivenciada, tem contribuído para maior realismo do nosso trabalho em sala de aula.

5. Como você vê o crescimento da Área da “Educação Física Adaptada”?

Vejo com muita satisfação o crescimento da área da Educação Física Adaptada, levando em conta que ela passa pelo conceito de “Educação Física ao Alcance de Todos”, ou seja uma “Educação Física não Excludente”. Vejo também que o crescimento dessa área, ou mais precisamente, os princípios que a norteia, tem provocado importantes reflexões na Educação Física como um todo.

Em meados de 1991, eu arriscava dizer na minha dissertação de mestrado, com base no conceito de Educação Física ao Alcance de Todos, que num futuro não muito distante poderíamos chamar, o que hoje tratamos com Educação Física Especial ou Adaptada, simplesmente da Ed. Física, tendo em vista obviamente, a diversidade humana. De qualquer forma o crescimento da área tem sido bastante significativo, conforme indicadores, deve aumentar o número de profissionais envolvidos, bem como pesquisas e publicações disponíveis.

6. Quais pontos você destacaria sobre a formação de recursos humanos nessa área,?

Como dissemos anteriormente, indicadores apontam para crescimento significativo de profissionais envolvidos nessa área. A FEF/UNICAMP em 1985, quando iniciou o curso de Educação Física, já incluía em sua grade curricular disciplinas sobre pessoas com Deficiência e Educação Física Adaptada. Só a partir daí e de forma bastante gradativa é que outros cursos de Educação Física passaram a incluir tais disciplinas em suas grades curriculares. O que eu quero dizer é que o tempo não é tão grande, e já

temos uma massa crítica bastante consistente. Posso dizer sem medo de errar, que o Departamento de Educação Física Adaptada da FEF/UNICAMP tem sido responsável pela formação de um grande número de profissionais que estão atuando nos diversos segmentos: prática, docência e pesquisa.

Obviamente que quando se fala em grande número de profissionais, não podemos deixar de dizer sobre a qualidade dos mesmos e o quanto esses já tem colaborado para o crescimento da área.

7. Qual a sua contribuição na formação desses recursos humanos?

Difícil responder. talvez não seja a pessoa mais indicada para responder essa pergunta, e sim aqueles que por aqui passaram. Contudo me arrisco a dizer que a minha colaboração sempre foi a mais sincera possível, procurando trazer para o meio acadêmico que seriedade e rigor não são sinônimos de sisudez e cara feia, e que fazer ciência não pode ser sinônimo de sofrimento. Penso que a minha grande contribuição tenha sido a possibilidade da socialização da minha prática, o que me permite dizer isso eu vi acontecer. Me permite ainda rever com mais rigor conceitos pré-estabelecidos; entender e repassar o entendimento de que necessário é o equilíbrio efetivo entre a teoria e a prática. Assim sendo, me coloco sempre na condição do professor-aprendiz, que ao tentar ensinar, mais aprende.

8. Existe alguma passagem que marcou a sua vida enquanto professor de Educação Física Adaptada?

Várias passagens deixaram marcas em minha vida de professor, porém, foi a lição de solidariedade dada por um aluno/atleta, deficiente mental, na época com 17 anos, na seletiva de Atletismo para o Campeonato Brasileiro, na pista da USP em São Paulo. Na prova de 400 metros o referido atleta liderava a prova quando na marca de mais ou menos 200 metros o atleta que vinha logo atrás pisou levemente no pé do primeiro, e sofreu uma queda, imediatamente o aluno/atleta da minha Instituição parou, ajudou o

outro a levantar-se e continuou a corrida. Em consequência dessa parada para ajuda, o aluno/atleta chegou em 3º lugar. Ao final da prova quando eu fui cumprimentá-lo ele pediu desculpas por não ter chegado em 1º lugar porque precisou ajudar o colega. “Grande Lição”.

Outro momento importante foi a participação nos Jogos Mundiais de Verão na Carolina do Norte/USA, onde nossa equipe de Basquete formada por oito atletas com Deficiência Mental, conquistou medalha de bronze entre 54 equipes. Foi uma grande experiência de vida para todos nós.

09. Você trabalha há muito tempo com pessoas com deficiência mental (DM). Nesse período sabemos que houve uma evolução em relação aos conceitos da DM. Como você analisa essa evolução?

Trabalhamos Educação Física e Esportes com pessoas com Deficiência Mental desde 1972, quando ainda no Brasil pouco investimento havia nesse setor de atividade. Foi fundamental na época, como não deixa de ser ainda hoje, o apoio da literatura internacional como Kirk Gallagher, Vítor da Fonseca e Drovzxy entre outros. No Brasil, Dr. Krinsk foi seguramente o grande nome a abordar sobre a deficiência mental, quer no aspecto de saúde, educacional e de trabalho. Foi por longo tempo médico chefe da APAE de São Paulo e responsável pelo Centro de Pesquisa da mesma Associação. Pudemos na época não só ler suas pesquisas, como tivemos o privilégio de conhecê-lo pessoalmente e participar de várias palestras, e na realização das primeiras Olimpíadas Especiais. Aprendemos muito com Dr. Krinsk, principalmente quando chamava a atenção para a complexidade da deficiência mental, afirmando não ser um simples “apoucamento” (termo usado pelo autor) das funções intelectivas e sim toda uma defasagem no seu processo interativo. Não temos dúvidas, que entre outros, os autores citados muito contribuíram para uma concepção mais atualizada sobre a deficiência mental. Esta concepção demonstra que a deficiência mental é um estado, não é doença, que se cura, contudo, pode ser mudado, e vale a pena investir e acreditar.

Obviamente em outros tempos, quando se concebia deficiência mental como imutável, como algo que não se alterava, não haveria razão para acreditar que valeria a pena investir, não por maldade ou qualquer outra razão negativa, mas sim pela forma como se concebia deficiência mental. Entendemos portanto que toda avaliação histórica conceitual deverá levar em conta, concepções, crenças, convicções, enfim, todo conjunto de valores de cada momento histórico. Confesso que nesses 35 anos de trabalho, tivemos que ser um pouco “Bandeirantes”, ajudando abrir clareiras e caminhos de algumas pessoas que pouco acreditavam na capacidade de “crescimento” da pessoa com deficiência mental. Felizmente hoje, vivemos um momento de maior respeito, de maiores oportunidades e de maior investimento nessas pessoas.

10. Diante desse quadro evolutivo. Você vê com perspectivas a questão da inclusão do DM na escola regular de ensino?

Eu tenho dito que “Inclusão” não se faz por “Decreto”, e sim por “Processo”. Temos que lembrar que inclusão é um caminho de mão dupla, tendo em uma das mãos a pessoa com deficiência da forma como realmente ela é, com competência, interesses, necessidades, estilo e limitações, entre outras, e na outra, o meio como um todo, devendo ter respeito às diferenças, ser flexível, evocar valores e ter muito presente o foco nas potencialidades (capacidade de aprender, trabalho. Lazer, entre outras) em detrimento das limitações.

Entendo que para haver a inclusão de pessoas com deficiência mental na rede regular de ensino seriam necessárias mudanças radicais na escola, dependendo do nível de comprometimento. Com certeza mudanças significativas deverão ocorrer: número de alunos por classe; conteúdo ensinado; metodologia de ensino; avaliação entre outros.

Arrisco dizer que a escola regular ainda não está preparada, para o referido processo, nem para atender o chamado “deficiente leve”. Nestes últimos 6 (seis) anos temos recebido na Aril o encaminhamento de crianças em idade escolar, que apresentam problemas na escola regular, e quando avaliados não apresentam qualquer tipo de deficiência. Isto tem nos preocupado; contudo reforça o que dissemos anteriormente,

comportamento como esse nos parece estar na contramão do processo de inclusão. Diferentemente da deficiência mental, outras como a deficiência física, auditiva e visual, se observadas e garantidas todos os arranjos necessários (ambientais, materiais, metodológicas e a tecnologia assistiva) a inclusão na escola regular poderá ser mais facilitada, podendo essas passar pelo processo normal de escolaridade, do ensino fundamental ao superior. Conseqüentemente, sua inclusão no mercado de trabalho, já na vida adulta, poderá se dar pela especificidade de sua formação. Apoiado pela “Lei de Cotas”, se necessária poderá exercer por exemplo atividades como: técnico em informática; professor; laboratorista; advogado; entre outras atividades essas de acordo com a formação específica. Por sua vez, a pessoa com deficiência mental, observados e garantidos todos os arranjos necessários (ambientais, materiais, metodológicos e toda tecnologia assistiva) sua escolaridade será sempre reduzida, conseqüentemente sofrerá prejuízos na sua capacitação, e inclusão no mercado de trabalho. Estará ela, em conseqüência disto, preparada para atividades menos complexa e mais rotineira. Assim sendo, o período de capacitação dessas pessoas inclui a preparação e desenvolvimento de algumas habilidades específicas, contudo, ênfase maior deva ser dada na preparação de hábitos, atitudes sociais e trabalho. Formar a pessoa com comportamento tal que, associados a outras habilidades possa ter êxito e sucesso quando encaminhado ao mercado de trabalho.

11. Hoje há uma preocupação muito grande com a qualidade de vida e saúde. Como isso está acontecendo com as pessoas institucionalizadas e principalmente com a Deficiência mental?

É muito gratificante ver hoje depois de anos de atuação pessoas com deficiência mental que desde a mais tenra idade tomaram gosto pela atividade física e até os dias de hoje a praticam. Esta atuação durante esse tempo todo e com considerável número de pessoas com deficiência mental, nos permite apontar a ampliação de espaços e de participação dessas pessoas promovendo conseqüentemente melhoria na qualidade de vida. Qualidade de vida essa não só na medida pelos aspectos orgânicos como também por aspectos de saúde afetivo-social. A Educação Física e o esporte, quando bem

equacionados na escola, no clube e na academia, se observados seus objetivos: orgânicos, neuromuscular, interpretativo, emocional e social, conforme a ponta Adans, seguramente será de grande valia para todos, incluindo-se aí a pessoa com deficiência mental. Pesquisas longitudinais e as observações ao longo do tempo evidenciam por exemplo a importância da atividade física na evolução da criança com Síndrome de Down uma vez que a própria natureza da síndrome, determina a flacidez muscular, a frouxidão ligamentar, tendência a obesidade e dificuldade, na comunicação verbal (fala) numa considerável parcela dessa população. Outras experiências não menos importantes, foram por exemplo o encaminhamento de pessoas com deficiência mental ao mercado de trabalho e as mesmas terem suas participações ampliadas fazendo parte de equipes esportivas nas empresas, bem como a efetiva participação nos grêmios recreativos das mesmas. Esses poucos exemplos demonstram o quanto a Educação Física e o esporte, e quanto a capacitação e a competência nessa área, pode contribuir para formação pessoal e conseqüentemente ampliar espaços e melhorar a qualidade de vida das pessoas.

12. Os avanços tecnológicos têm provocado transformações na vida dessas pessoas?

Seguramente os avanços tecnológicos têm provocado profundas transformações na vida de muitas pessoas, nas relações interpessoais mais rotineiras, bem como nas suas relações ampliadas na sociedade como um todo que também no seu conjunto, sofre o impacto das mudanças. A pessoa com deficiência de um modo geral tem se beneficiado com tais avanços, que permite a inclusão de grande parte delas em situações que até então eram excludentes.

A “Tecnologia Assistiva” por exemplo, algo relativamente recente nos serviços de reabilitação e atendimento á pessoa com deficiência, tem sido bastante importante principalmente para os portadores de deficiência física/motora e a visual, não que não seja importante para as demais. Talvez as pessoas com deficiência mental dado as características da própria deficiência, podem ser por um lado beneficiados pelos

avanços tecnológicos, e por outro, penalizados por não poderem acompanhar ou usufruir dos mesmos, considerando seu nível de entendimento. E nesse ponto que temos a obrigação de ultrapassar as raias do puro conhecimento, sermos mais sábios, para que possamos, através de arranjos estratégicos oportunizar ao máximo a participação destas pessoas em tudo o que for possível.

Artigo recebido em 14/10/2006

Aprovado em 03/11/2006